

# A LINGUAGEM LITERÁRIA DO *NEW JOURNALISM* EM *THE DUKE IN HIS DOMAIN*

Daniela França Ferreira Lima  
João Roberto Barbosa A. de Souza  
João Vitor da Costa Góis  
Pedro Augusto Santos Vasconcelos<sup>1</sup>  
Danielle Cândido da Silva Nascimento<sup>2</sup>



Jornalismo

cadernos de  
graduação

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 2317-1693

ISSN ELETRÔNICO 2316-672X

## RESUMO

O presente artigo possui o intuito de esclarecer como a linguagem literária foi atrelada à linguagem jornalística na categoria *New Journalism* (Novo Jornalismo, no português). Para isso, utilizamos trechos do artigo *The Duke in His Domain*, de Truman Capote, que se trata de um perfil-reportagem do ator hollywoodiano Marlon Brando, escrito em 1957 e publicado na famosa revista nova-iorquina, *The New Yorker*. A relevância para análise deste objeto de pesquisa não é somente em relação ao toque literário, mas também devido a sua importância histórica e jornalística, pois é sabido que tal texto é um precursor do *New Journalism*. O referencial teórico da pesquisa é embasado em um artigo de Cyntia Belgini Andretta, estudiosa da obra de Truman Capote, e em autores que se dedicam ao estudo do jornalismo-literário, como Eduardo Belo e Marcelo Bulhões. Como resultado da pesquisa, a análise de trechos do artigo de Capote ajudará a esclarecer dúvidas em relação ao uso dos recursos literários dentro do jornalismo.

## PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo-Literário. *New Journalism*. Truman Capote

## ABSTRACT

This article has the aim to explain how the literary language was used on the journalistic language on the New Journalism. Therefore, we use a few excerpts from the article *The Duke in His Domain*, by Truman Capote, which is about the Hollywood famous actor Marlon Brando, written in 1957, published in *The New Yorker* magazine. The relevance of this analysis isn't just his literary touch, but also his historical and journalistic relevance, because is well known that this text is the precursor of the *New Journalism*. The theoretical reference of this article is grounded in texts from Cytia Belgini Andretta, studios of the work of Truman Capote, and from authors related to the literary-journalism, like Eduardo Belo and Marcelo Bulhões. Thereby, this analysis of some extracts of Capote's text about Brando is going to solve some doubts about the literary influence on journalism.

## KEYWORDS

Literary-journalism. New Journalism. Truman Capote.

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo sempre atraiu diversos poetas e romancistas, não porque a função do jornalista seja a mesma do escritor, e sim porque a necessidade de lidar com as palavras os atraem. Escritores de grande porte, como Euclides da Cunha, Lima Barreto, Ferreira Gullar, Lêdo Ivo e outros fizeram um caminho, partindo da arte literária para as redações dos jornais. Alguns deles fizeram o caminho contrário e foram das redações para as prateleiras das livrarias, como é o caso de Truman Capote, jornalista e escritor utilizado como exemplo no presente trabalho.

Segundo Andretta (2010), Truman foi fruto de um casamento que não deu certo. Sua mãe, Lillie Mae, se decepcionou com seu marido, Arch Parsons, e eles se separaram quando o garoto tinha apenas quatro anos de idade. Sem boas lembranças de seu pai, ele acaba por adotar o sobrenome de seu padrasto, Joe Capote.

Desde novo Truman demonstrava suas excentricidades, como seu cuidado excessivo com suas roupas e o fato de que ele não entrava em brincadeiras que pudessem sujá-las. Por medo de achar que seu filho fosse homossexual, Lillie o manda para o exército, o que resulta numa péssima experiência para o rapaz.

Capote amava escrever desde cedo e com apenas onze anos de idade já passava horas se dedicando a esta arte. No colégio, ele sempre se destacava quando o assunto era a escrita. Muito por conta disso, acaba indo trabalhar na revista *The New Yorker*, como mensageiro do departamento de Artes, mas logo é mandado embora.

Ele começa sua escalada rumo ao sucesso, vencendo prêmios literários, como o *Henry Memorial Short Story Prize* com seu conto *OtherVoices, otherrooms*. Uma de suas obras mais bem sucedidas, o livro *The Breakfast at Tiffany's*, foi adaptada para o cinema em 1961, com a famosa atriz hollywoodiana Audrey Hepburn no papel principal. Após isso, Truman começa a se relacionar com a alta sociedade da época.

Capote é considerado como parte de um grupo de jornalistas americanos que viriam a fazer uma revolução no jornalismo, que seria chamada de *New Journalism*. Como o próprio nome sugere, buscava inovar o fazer jornalístico propondo romper com os antigos paradigmas das redações que limitavam a atuação do profissional dessa área no momento da escrita das notícias, reportagens e/ou das entrevistas.

Truman junto com Tom Wolfe, Gore Vidal, Gay Talese, Hunter Thompson e Norman Mailer, entre outros, tornaram-se celebridades. Suas obras que se tornariam sucesso de público e de venda fariam deles autores consagrados. Nessa época, nos EUA, o jornalismo estava tomando conta da produção literária. Andretta (2010, p. 121) explica um pouco sobre o método dos jornalistas dessa vertente:

Os jornalistas-escritores que seguiram depois de Capote, tais como Norman Mailer, Gay Talese e John Hersey, inauguraram um gênero, notadamente nas revistas, de um tipo de narrativa mais envolvente, mais rica em detalhes e que não seguia a técnica do lead ou pirâmide invertida (informações importantes no começo do texto) a que estavam submetidos os jornais diários pela velocidade da informação.

Ainda segundo Andretta (2010), tais jornalistas “brincavam com a escrita”, romanceando um fato. Eles foram criticados por terem fugido do “escopo do jornalismo” no momento em que abandonaram os paradigmas das redações e se puseram a escrever nos arquétipos dos livros de ficção criando, assim, a não-ficção da qual Capote é o criador.

Truman era muito vaidoso e sempre acreditou que nunca o interpretaram de maneira correta. Em relação às críticas recebidas sobre seu texto *Othervoices, otherrooms*, afirmou que os críticos se enganaram em relação aos escritores que lhe influenciaram, mas que foi algo “compreensível”:

[...] os críticos, desde o mais simpático até o mais hostil, notaram que obviamente eu fora influenciado por escritores do sul com Faulkner, Welty e McCullers, três autores cuja obra eu conhecia bem e admirava muito. Mesmo assim os críticos estavam compreensivelmente enganados. Os escritores norte-americanos mais importantes para mim foram, sem nenhuma

ordem específica, James, Twain, Poe, Cather, Hawthorne, Sara Orne Jewett. Entre os estrangeiros Flaubert, Jane Austen, Dickens, Proust, Chekhov, Katherine Manfield, Forster, Turgeniev, Maupassant e Emily Brontë. (CAPOTE, 2007, p. 13-14 apud ANDRETTA, 2010, p. 124).

O texto que foi o divisor de águas na linguagem jornalista que resultaria na técnica do *New Journalism* foi o *The Duke in His Domain* (O Duque em seu Domínio, em português), perfil-reportagem do ator Hollywoodiano Marlon Brando, publicada no ano de 1957 na revista nova-iorquina *The New Yorker*. Mas Capote só obteve grande destaque com a obra *A Sangue Frio* (1966), que foi um verdadeiro marco para o jornalismo. Nesse livro, Capote eleva sua técnica iniciada no perfil-reportagem de 1957 e cria o “romance de não-ficção”, que foi como ele preferiu chamar esse estilo de escrita por ser um texto que se assemelha a um romance, mas que conta um fato real.

Nesse livro, Truman está como que inserido na história, mas sem participar ativamente dos acontecimentos, afinal ele era somente um jornalista que estava ali para apurar os fatos. O livro se trata do assassinato brutal da família Cuttler, em 1959, no Kansas. A abordagem era fora dos padrões, tanto para literatura quanto para o jornalismo. Havia quase um amálgama entre o real e o ficcional na obra, pois “dentro de seus outros imensos talentos, Truman era um ótimo dissimulador, e com frequência era muito difícil saber se o que ele estava contando era fato ou ficção”, (SCHWARTZ, 2005, p. 133 apud ANDRETTA, 2010, p. 125).

O resultado que esperamos encontrar da análise de trechos do artigo de Capote ajudará a esclarecer o uso de recursos literários dentro do jornalismo, que acabou se tornando tão evidente no *New Journalism* e que proporcionou a expansão dos relatos jornalísticos a ponto dos jornalistas escreverem livros inteiros a respeito de um só fato, como é o caso de Truman em *A Sangue Frio*, de Hunter Thompson em *Hell's Angels*, e tantos outros.

## 2 NEW JOURNALISM

Nos EUA, durante segunda metade do século XX, surgiu o movimento *Beat*<sup>1</sup>, houve a guerra-fria, além dos hippies e seus protestos contra a guerra do Vietnã. Tudo isso acabou no nascimento da geração conhecida como *Flower Power*, que professava uma vida livre, longe dos empregos de engratados, e buscava “abrir a mente” por meio do uso de drogas como o LSD e a maconha. Diante desses movimentos de contracultura nasce o *New Journalism*, que mudou toda a visão que se tinha do jornalismo até então.

---

1 O movimento *Beat* caracterizou-se como um movimento literário surgido nos EUA na década de 1950, possuindo autores de poesia, romances e contos. Dentre os mais importantes, destacam-se Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs.

Esse movimento apareceu como uma espécie de quebra nos moldes pré-definidos do jornalismo convencional, principalmente por ele ter nascido nos Estados Unidos, onde mais se era cobrada a questão de agilidade e objetividade. Pode-se dizer até que foi uma forma de protesto às exigências impostas dentro da profissão nos EUA. Segundo Bulhões (2007, p. 146), entende-se que o *New Journalism* “assumiu uma postura libertária”, na qual o jornalismo seguia uma linha definida, possuindo um modelo que todos deveriam seguir, com “uma postura similar à linha de produção industrial”.

Nomes como o de Tom Wolfe, Truman Capote, Hunter Thompson e Norman Mailer tornaram-se não somente referências do jornalismo, mas também da literatura norte-americana com os seus famosos livros de não-ficção, que eram histórias factuais narradas de forma peculiar para a época, isto é, reportagens gigantescas repletas de toques literários.

Capote, ao contrário de Thompson e outros expoentes dessa época, não fez parte dos movimentos de contracultura. Como crítico literário, chegou a esnobar a mais famosa obra do movimento *Beat*, *On the Road*, de Jack Kerouac, de 1957, afirmando: “*That’s not writing, that’s typing*” (Isso não é escrita, é datilografia). Egocêntrico e voltado ao luxo, sempre preferiu viver nos meios com maior requinte, mantendo-se longe dos hippies.

O *New Journalism* foi uma maneira diferente de se pensar sobre a prática jornalística, que permitiu ao jornalista inserir-se na narrativa, utilizando de técnicas literárias, dando mais fluidez ao texto, fugindo daquela ideia engessada que se tem do jornalismo. Não existia mais necessidade do *lead*, nem a famigerada pirâmide invertida, com suas clássicas perguntas (O quê? Onde? Quando? Quem? Como? Por quê?).

O jornalista não seria somente um observador que transcrevia fatos, mas seria também um personagem nas histórias que narrava quase como um romancista da vida real, contando fatos, focando nos indivíduos que participaram deles, tornando-os suas personagens, conduzindo a narrativa com sua própria “voz”. Dessa forma, o repórter do jornalismo engessado dá lugar ao repórter com um ar de escritor, que capta a essência dos acontecimentos e escreve sua própria visão dos fatos. Juan Domingues (2013, p. 188) explica melhor essa relação entre o jornalismo e literatura no *New Journalism*:

Teóricos já escreveram que o jornalismo nasceu no berço da literatura, mas acabaram se tornando gêneros distintos a partir da delimitação de objetivos. O primeiro exige o relato dos fatos. O segundo se ocupa da fantasia e da ficção. É razoável dizer que o Novo Jornalismo, por sua vez, apresenta textos a partir de exaustiva investigação, proximidade do repórter com o fato e visão ampla do objeto sobre o qual se ocupa. Ao mesmo

tempo, expõe claramente as ferramentas da literatura em suas narrativas. Por uma razão muito simples: o Novo Jornalismo tem suas bases fundadas no romance. Especialmente no romance norte americano.

Em relação a essa libertação das amarras do antigo jornalismo e a possibilidade de enriquecimento do texto por meio de recursos literários, o jornalista norte-americano Tom Wolfe, um dos maiores expoentes dessa vertente, afirmou que o que mais lhe interessava “era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo ou dentro de um espaço relativamente curto” (WOLFE, 2005, p. 28).

Wolfe (apud PENA, 2008, p. 54) vai ainda mais adiante, afirmando que a ideia básica do *New Journalism* era a de evitar o “tom bege” da “imprensa objetiva”, e que os repórteres deveriam ser mais subjetivos, e que eles “não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação”. Dentro desse movimento, “o texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações”.

Dessa convergência entre literatura e jornalismo surgiu o livro-reportagem, que foi o cargo-chefe do *New Journalism*, que buscava uma linguagem mais próxima do romance norte-americano. Havia, pois, um distanciamento muito grande do que era feito nos jornais. Os jornalistas dessa vertente sabiam que o jornalismo antigo estava defasado e que deveria haver uma mudança para poder capturar mais leitores. Essa mudança seria a implementação da linguagem literária, criando uma ruptura com os velhos paradigmas das redações. Como bem aponta Juan Domingues (2013, p. 198):

[...] as técnicas literárias próprias do romance ganham força no texto dos novos jornalistas, com um objetivo bem definido: excitar o leitor, fazê-lo entrar na cena do crime, sentir o cheiro e o barulho do clube de jazz, imaginar perfeitamente as roupas e o jeito de personagens famosos ou anônimos em um jogo de futebol, olhar com atenção a agitação das ruas das cidades, mostrar o comportamento das pessoas nas mais distintas situações cotidianas.

Havia uma ideia de tentar imergir o leitor na história, fazendo-o ter maior contato com o fato apurado, tornando a narrativa mais intrigante, aumentando o interesse na leitura. Mas se observarmos os livros-reportagem que tinham mais comprometimento com o lado jornalístico podemos ver que a linguagem se difere,

pois há neles uma preocupação maior com os fatos. Já no *New Journalism* havia também uma preocupação estética.

A respeito do primeiro livro de “não-ficção”, termo cunhado por Truman Capote para descrever seu próprio livro, *A Sangue Frio*, Eduardo Belo (2006, p. 43) diz que:

O livro de Capote, apesar de brilhante, não era 100% verdadeiro. [...] Capote foi acusado de, entre outras coisas, distorcer e inventar diálogos, induzir declarações [...]. Quando Truman Capote denominou seu *A sangue frio* de ‘romance de não-ficção’ acabou sem querer estabelecendo uma distinção importante. Nem toda não-ficção é jornalismo, mas todo o jornalismo tem de ser, por princípio, não-ficcional.

Daí vemos que há, de fato, uma distinção entre uma narrativa de fatos jornalísticos e uma narrativa de não-ficção, pois ao passo que a primeira tem compromisso com os fatos e somente com eles, a segunda pode, em dado momento, romancear a história, inserindo elementos que não constavam na história real somente com o propósito de acrescentar algo na narrativa.

Isso se encaixa na ideia de John P. Pauly ao dizer que o *New Journalism* “desafiou a reputação do império dos fatos do jornalismo, e o santificado jardim da imaginação da literatura” (PAULY, 1990 apud DOMINGUES, 2013, p. 195). Pena (2008) fala que existem diferenças entre ficção jornalística e romance-reportagem. O primeiro é inventado ao bel-prazer do escritor, podendo ser escrito deliberadamente, enquanto o segundo ainda está preso às diretrizes propostas pelo jornalismo.

Já Eduardo Belo (2006, p. 45) explica que a exatidão é um pré-requisito do livro-reportagem, pois “quanto mais precisa e detalhada, melhor a reportagem”. Isso implica numa dedicação exaustiva à apuração e “muita atenção para com os detalhes e inteligência para interpretar dados e interligar fatos”.

Na história da literatura brasileira houve casos de convergência entre literatura e jornalismo ocorridos antes mesmo de Capote surgir com seus textos. No entanto, esses livros possuíam uma ligação direta com o factual, se aproximando mais do jornalismo que da literatura, diferentemente do caso de Capote. Marcelo Bulhões (2007, p. 20) explica isso:

No Brasil, dois grandes exemplos vêm com Euclides da Cunha, em *Os Sertões* (1902), e Graciliano Ramos, em *Memórias do Cárcere* (1953). Nesses casos, seus autores teriam evitado a realização fabulativa, pois buscaram retratar realidades históricas e testemunhadas por eles próprios, com Euclides

reportando os acontecimentos da Guerra de Canudos (1896 – 1897) e Graciliano relatando sua prisão entre 1936 e 1937.

Bulhões (2007, p. 20) ainda defende a ideia da ficcionalidade como um elemento que auxilia o relato, podendo torná-lo próximo da realidade, mesmo sendo ficcional, pois “ela trama relações complexas com a factualidade”. Ele usará como exemplo o romance, ou seja, uma ficção, que é o marco do Naturalismo brasileiro, *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, uma vez que tal obra “revela laços evidentes com o que se pode reconhecer como real empírico” (BULHÕES, 2007, p. 21). Com esse exemplo, Marcelo Bulhões quis dizer que podemos encontrar traços jornalísticos em textos ficcionais e vice-versa, ou seja, também podemos achar traços literários em obras de caráter jornalístico (obras factuais).

Em relação à obra *A Sangue Frio*, de Capote, Eduardo Belo (2006, p. 45) comenta que “ao jornalismo, não basta parecer honesto e bem feito. Precisa ser profundamente calcado na realidade. Mesmo quando romanceado”. Tendo isso em vista, observamos que a linguagem do *New Journalism* ao inventar acontecimentos não seria, necessariamente, algo ruim, visto que o ficcional neste caso poderia ter correlação com o real.

Em outras palavras, podemos dizer que o *New Journalism* procurava se adequar a forma dos romances norte-americanos, ou seja, eram textos que tinham preocupação com o estético, com a narrativa enquanto instrumento literário e não somente como transmissor de informações factuais.

Não obstante, destacamos aqui que obras como *A Sangue Frio* e tantas outras tinham, de fato, compromisso com o factual e não só com o estético, visto que a prática de romancear os fatos não ocorria durante toda a narrativa. O fato passava a ser romanceado em alguns momentos (dependendo exclusivamente do autor) apenas para se adequar aos moldes de um romance.

### 3 BREVE ANÁLISE DE TRECHOS DE *THE DUKE IN HIS DOMAIN*

A seguinte análise consiste na leitura de trechos de *The Duke in His Domain*, escrito por Truman Capote e publicado na revista *The New Yorker* no ano de 1957. No entanto, não possuindo a revista em mãos, visto que o material é deveras antigo e, portanto, extremamente raro, principalmente no Brasil, utilizaremos o texto na sua versão on-line, encontrado no site da revista nova-iorquina.

O artigo aqui analisado pode ser caracterizado como um perfil-reportagem, pois consiste em um texto no qual o jornalista levanta informações acerca de uma pessoa, uma empresa ou uma cidade. Dentro dessa perspectiva, o jornalista deve inquirir o entrevistado com perguntas que irão montar seu perfil, isto é, que irão expor informações sobre sua personalidade, suas conquistas, suas crenças.



O perfil é uma narrativa curta, no entanto como o texto de Capote não segue esse preceito de um relato breve e conciso, dando lugar a um texto demasiado extenso e cheio de detalhes e personagens, diz-se que é também uma reportagem. Percebemos que o intuito de Truman era de elevar a escrita da reportagem. Portanto, ele pôs-se a fazer suas experimentações, unindo a ideia de uma entrevista tão extensa quanto uma reportagem com uma narrativa literária, que era o seu forte. Passada a explicação a respeito do texto sobre Marlon Brando, vamos aos trechos para análise: *“Andappapie, Marron?” “He sighed”. “Withice cream, honey”*.<sup>2</sup>

É clara a influência literária no trecho acima. Podemos perceber no primeiro instante que se trata de um diálogo, por conta das aspas. Tal diálogo se dá entre uma camareira japonesa e Marlon Brando. O repórter, nesse caso, aparece como narrador, isso fica evidente pela expressão que antecede a fala de Brando *“He sighed”*, demonstrando, portanto, a reação de seu entrevistado de uma maneira literária, como se fosse uma personagem de uma crônica suspirando antes de falar.

A fala da camareira evidencia o tom coloquial, pois a mesma pronuncia as palavras de forma errada, falando *appapie* ao invés de *apple pie* (torta de maçã) e *Marron* ao invés de *Marlon*. Pouco depois, Capote, o narrador, explica por que a camareira chama o ator erroneamente: *“The ‘l’ sound does not exist in Japanese, and by ‘Marron’ the maidme ant Marlon”*.<sup>3</sup>

Ao fazer isso, Capote inclui nessa personagem algo que chama a atenção, pois é um elemento que dá um tom de humor na narrativa. Ou seja, ao citar que a camareira não falava o nome de Brando corretamente porque não existe a letra “L” no idioma japonês, Capote está acrescentando uma característica à personagem.

A esse respeito, Felipe Pena (2008, p. 54) dirá que Tom Wolfe já tinha admitido que o movimento do *New Journalism* tivera deixado os recursos básicos dessa vertente, os quais eram o de “reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas da personagem”.

Vejamos o seguinte fragmento: “[...] his eyelids twitched, and when he spoke, his voice – an unemotional voice, in a way cultivated and genteel, yet surprisingly adolescent, a voice with a probing, asking, boyish quality – seemed to come from sleepy distances” (CAPOTE, 1957)<sup>4</sup>.

2 Uma torta de maçã, Marron?/ Ele suspira. “Com sorvete, querida” (tradução livre).

3 O som de ‘l’ não existe no japonês, e por ‘Marron’ a camareira quis dizer *Marlon*” (tradução livre).

4 “Suas pálpebras piscaram rápido, e quando ele falou, sua voz – uma voz sem emoção, num modo refinado e fino, ainda surpreendentemente adolescente, uma voz profunda, inquiridora, de garoto – pareceu vir de modo sonolento” (Tradução livre).

Já nesse excerto, observamos agora a maneira como o narrador descreve o modo que, num dado momento, Marlon Brando falou. Ele usa diversos adjetivos para caracterizar o tom da voz do ator, utilizando-se de expressões como “*surprisingly adolescent*” (surpreendentemente adolescente) para evidenciar o modo juvenil que o mesmo tinha ao conversar, além de demonstrar que, mesmo com uma voz sem entusiasmo, era ainda elegante ao falar.

Ao longo do texto, Capote usa, inclusive, expressões em língua inglesa que ao se tentar traduzir para o português perdem o seu sentido, a exemplo de “*sleepy distances*”, que, se fôssemos traduzir ao pé da letra, ficaria “distâncias sonolentas”. Tais expressões são características de romances e/ou poemas, pois fazem sentido apenas no idioma original e possuem um tom conotativo, pois como pode uma distância ser sonolenta? É evidente que Capote fez uso de uma figura de linguagem, a metáfora, nesse caso. É sabido que o jornalismo tem que ser claro e objetivo, portanto este tipo de expressão se adequaria mais a um livro de ficção ou de poesia, ou seja, configura-se como uma expressão de caráter literário.

Também é interessante ressaltar aqui a opinião de Antônio Olinto, crítico literário e romancista, a respeito da técnica jornalística, pois o mesmo chegou a dizer que o jornalismo seria uma espécie de literatura. “Entre os dois elementos, não há diferença técnica a não ser em espécie e intensidade. [...] O que acontece é que o jornalismo é uma literatura de imediato consumo” (OLINTO, 1968, p. 5 apud BIANCHIN, 1997, p. 44).

Ou seja, Olinto enxergava o jornalismo como uma vertente da literatura, como se fosse uma seara da arte de escrever, tal qual a poesia, o romance, o conto. Se usarmos essa ideia na leitura dos trechos citados poderemos constatar que a opinião de Olinto está correta, ao menos no que tange à técnica elaborada por Capote e que se seguiu com os outros autores do *New Journalism*.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capote foi responsável por uma mudança no jornalismo que ditaria os novos rumos que muitos dos profissionais da área iriam seguir, pois estes não estavam satisfeitos com o antigo jornalismo (engessado e cheio de regras que limitavam o jornalista no momento da escrita). Apesar das oposições que existiram em relação aos romances de não-ficção (como as duras críticas que Truman recebeu por ter, supostamente, criado diálogos e acontecimentos), o *New Journalism* foi de grande relevância e influência no momento em que promoveu uma ruptura nos paradigmas das redações.

O perfil-reportagem, *The Duke in His Domain*, foi quase um rascunho do que viria a seguir, foi um teste para os experimentos com a língua e a narrativa. Marlon Brando parece uma personagem de algum livro, parece que suas falas são para al-

guma peça de teatro ou roteiro de filme (isso se deve por conta das características que lhe foram atribuídas).

Ainda o uso de figuras de linguagem e sua narrativa semelhante à de um conto fazem desse texto algo singular, um verdadeiro marco para o jornalismo. Capote foi um autor ousado, que buscava a todo custo o sucesso e, para tanto, dedicou sua vida ao trabalho, conseguindo ser bem sucedido em sua empreitada, haja vista o tamanho do reconhecimento que recebeu em vida.

## REFERÊNCIAS

ANDRETTA, CyntiaBelgini. O jornalista e escritor Truman Capote pelo escopoliterário. **Revista Travessias**, Cascavel, v.4, n.1, p.121–131, 2010.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BIANCHIN, Neila. **Romance reportagem**: onde a semelhança não é mera coincidência. Florianópolis: UFSC, 1997.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CAPOTE, Truman. **The Duke in His Domain**. New York: The New Yorker Magazine, 9 nov. 1957. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/magazine/1957/11/09/the-duke-in-his-domain>>. Acesso em: 20 set. 2016.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DOMINGUES, Juan. Novo jornalismo: reflexões sobre a relação entre reportagem e romance. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v.12, n.24, p.187–204, 2013.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. Tradução: José Rubens Siqueira; posfácio Joaquim Ferreira

---

**Recebido em:** 5 de janeiro de 2017

**Avaliado em:** 20 de fevereiro de 2017

**Aceito em:** 10 de março de 2017

---

---

1. Graduandos em Jornalismo (2º período, 2016.2) do Centro Universitário Tiradentes – UNIT, e-mail daniffilima@yahoo.com.br , joaor96@outlook.com, jvdacosta@outlook.com e peausava@gmail.com

2. Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda do Centro Universitário Tiradentes – Unit, Maceió. Leciona, entre outras cadeiras na área de Comunicação, Práticas de Pesquisa em Comunicação, cujo artigo é resultado da desta disciplina. É pós-graduanda (nível Mestrado) em Letras Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – Ufal e especialista em Comunicação Empresarial pelo Centro Universitário Cesmac. E-mail daniellecandido@gmail.com